

**A VIAGEM DE
ORIXALÁ:
estrada de Sagitário,
caminhos de Orunmilá**



Universidade Estadual de Santa Cruz

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA
RUI COSTA - GOVERNADOR

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO
OSVALDO BARRETO FILHO - SECRETÁRIO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
ADÉLIA MARIA CARVALHO DE MELO PINHEIRO - REITORA
EVANDRO SENA FREIRE - VICE-REITOR

DIRETORA DA EDITUS
RITA VIRGINIA ALVES SANTOS ARGOLLO

Conselho Editorial:

Rita Virginia Alves Santos Argollo – Presidente

André Luiz Rosa Ribeiro

Andrea de Azevedo Morégula

Adriana dos Santos Reis Lemos

Dorival de Freitas

Evandro Sena Freire

Francisco Mendes Costa

Guilhardes de Jesus Junior

José Montival de Alencar Júnior

Lúcia Fernanda Pinheiro Barros

Lurdes Bertol Rocha

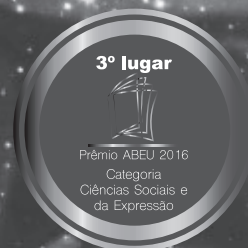
Nelson Dinamarco Ludovico

Rita Jaqueline Nogueira Chiapetti

Samuel Leandro Oliveira de Mattos

Sílvia Maria Santos Carvalho

Ruy do Carmo Póvoas



**A VIAGEM DE
ORIXALÁ:
estrada de Sagitário,
caminhos de Orunmilá**

Ilhéus - Bahia



Editora da UESC

2015

Copyright ©2015 by Ruy do Carmo Póvoas
1ª Reimpressão 2025

Direitos desta edição reservados à
EDITUS – EDITORA DA UESC

A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio,
seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

Depósito legal na Biblioteca Nacional,
conforme Lei nº 10.994, de 14 de dezembro de 2004.

PROJETO GRÁFICO E CAPA
Álvaro Coelho

REVISÃO
Maria Luiza Nora

ILUSTRAÇÕES DO LIVRO
Álvaro Coelho - colagem sobre fotografias

ILUSTRAÇÃO CAPA
Estátua representando Oxalá feita por Osmundo Teixeira em homenagem a
Ruy Póvoas compõe a colagem sobre fotografias.

FOTOGRAFIA DA ORELHA
Lília Carla Santana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P879 Póvoas, Ruy do Carmo.
A viagem de Orixalá: estrada de Sagitário, caminhos
de Orunmilá / Ruy do Carmo Póvoas. – Ilhéus, BA:
Editus,
2015.
416 p : il.

Inclui glossário.
ISBN 978-85-7455-385-6

1. Ficção brasileira. 2. Literatura brasileira. 3. Orixás.
I. Título.

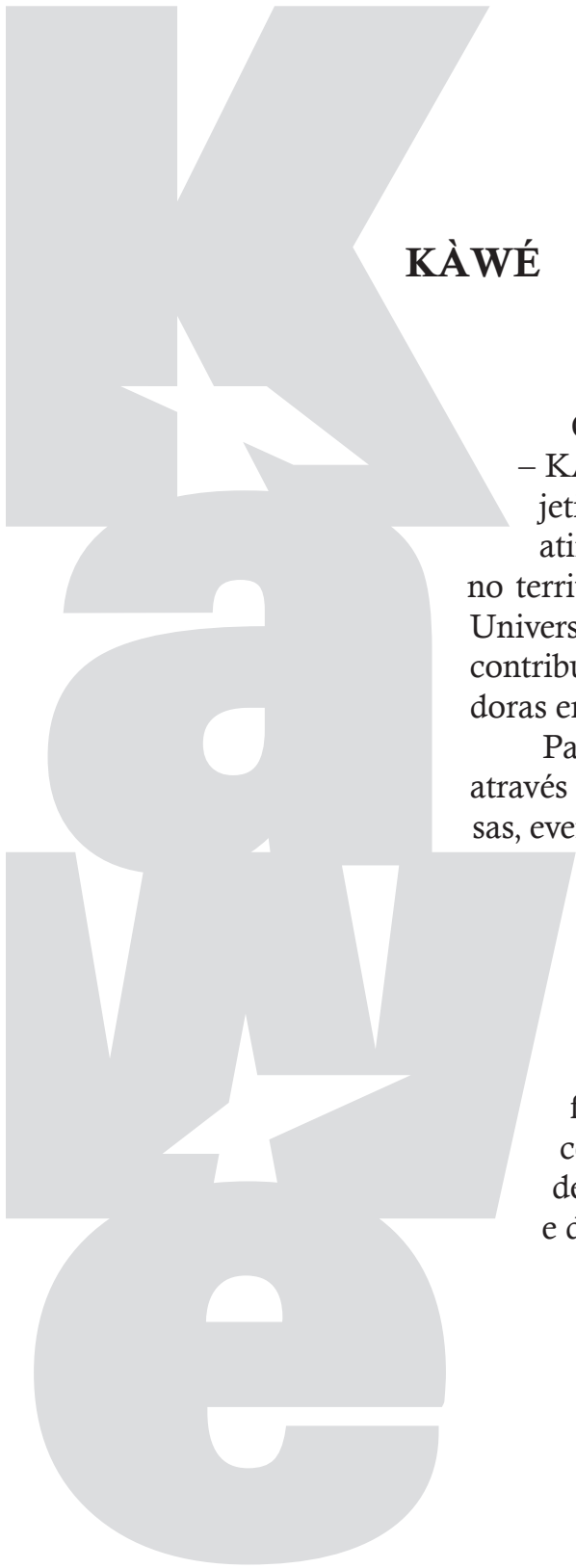
CDD 869.93

EDITUS – EDITORA DA UESC
Universidade Estadual de Santa Cruz
Rodovia Jorge Amado, km 16 - 45662-900 - Ilhéus, Bahia, Brasil
Tel.: (73) 3680-5170
www.uesc.br/editora
secretaria.editus@uesc.br

EDITORA FILIADA À


Associação Brasileira
das Editoras Universitárias


ASOCIACIÓN DE EDITORIALES
UNIVERSITARIAS DE AMÉRICA
LATINA Y EL CARIBE



KÀWÉ

O Núcleo de Estudos Afro-Baianos Regionais – KÀWÉ é um espaço criado em 1996, com o objetivo de construir conhecimentos sobre questões atinentes à herança de culturas africanas na área no território de abrangência da UESC e aproximar a Universidade das comunidades afrodescendentes, para contribuir com o rompimento das dicotomias avassaladoras entre segmentos socioculturais.

Para isso, o Núcleo desenvolve suas atividades através de várias ações que se materializam em pesquisas, eventos, cursos, oficinas, seminários, aulas abertas, sessões de estudo, palestras, encontros e exposições que permitam abordar as questões almejadas.

As atividades do KÀWÉ têm gerado conhecimentos que possibilitam produtos diversos e diversificados, a exemplo de acervo fotográfico, cedês, artigos, vídeos, material de consulta, registro e cadastramento de comunidades afro-brasileiras, além da publicação de livros e da *Revista Kàwé*.

Equipe Kàwé

Membros efetivos

José Luiz de França Filho (Coordenador) –
dedo.franca@terra.com.br

Ruy do Carmo Póvoas – ajalah@uol.com.br

Jeanes Larchert – jelarchert@yahoo.com.br

Elis Cristina Fiamengue – eliscf@gmail.com

Valéria Amim – valermim@gmail.com

Marialda Jovita Silveira – marialdasilveira@
yahoo.es

Membro colaborador

Maria Consuelo Oliveira Santos
(Espanha) consu_oliveira@yahoo.com

Projeto de Pesquisa

Culturas africanas, tradição oral e memória no Sul
da Bahia

Linha de Pesquisa

Religião, saúde e práticas sociais

Linguagem, tradição oral e representações

Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC
Núcleo de Estudos Afro-Baianos Regionais –
KÀWÉ

3.º andar da Torre Administrativa

Rodovia Ilhéus-Itabuna, km 16

Salobrinho, Ilhéus, Bahia – 45.662-900

Fone: (73) 3680-5157 | *E-mail:* kawe@uesc.br

www.uesc.br/nucleos/kawe/index.php

DEDICATÓRIA

A todos os que, ainda guardados no porvir,
haverão de viver no ano de 2.490,
na Região Sul da Bahia.

Em memória de
Celso Ferreira da Cunha,
que não sendo historiador,
fez história,
ensinando Língua Portuguesa.

Cloniza Amadeu,
que também não foi historiadora,
mas fez história
na terapia com seus clientes.

Euclides Neto,
que fez história,
escrevendo literatura.
In memoriam.

Também, para os de agora,
parentes de sangue,
meu irmão Zamayongo
e minha irmã Korobi.



Tudo isso aconteceu
no terreno **da imaginação**
imaginante, por isso mesmo,
tudo isso **é verdade.**
Mas qualquer fato semelhante
acontecido, será **a vida**
imitando **a arte.**

Vivemos

em comunidade. Cada homem é uma solidão, mas está condicionado, influenciado, plasmado pelos que o cercam, pelos que vivem a mesma aventura de cada dia e tentam a difícil aproximação de pessoa com pessoa. Essa comunicação exige um respeito pela pessoa humana, por tudo o que constitui a grandeza do homem dotado de um pensamento e de uma vontade. Nada mais emocionante do que a luta pela felicidade de um ser qualquer, vivendo numa época e num lugar, lidando, a cada momento, com gente estranha e, ao mesmo tempo, próxima, recolhendo experiências e acumulando vida. A sociedade precisa de uma política. Quando muitas vontades se tocam, na difícil aproximação de cada dia, é necessário um princípio orientador, algo que norteie as atividades de todos. O plano da família, com os problemas de convivência, as relações com os vizinhos, com os desconhecidos, os valores do trabalho, o senso de hierarquia, tudo isso são contingências da vida em comum, pequenos trechos de uma consciência da posição do homem no mundo.

Antônio Olinto

UMA QUESTÃO DE AUTORIA

A quem escreve literatura é dado o poder de criar. Então, eu criei Leonam. É comum, no entanto, as criaturas se rebelarem contra o seu criador. Daí, Leonam entender que não é o escritor quem cria personagens. Para ele, as criaturas ficcionadas existem por si mesmas, numa dimensão que ele designa de *terceiro mundo*. Caberia ao escritor apenas oferecer condições para revestir os personagens com roupagens especiais que lhes dão vida, vigor e vitalidade, a ponto de se tornarem *pessoas* concretas. Além disso, não conformado com sua configuração de personagem-narrador, ele se arvorou a escritor também. Que seja assim, então. Que seja como ele quer: este livro é dele. E eu fico com o papel daquele que providenciou condições para ele atuar.

Fico à espera de ele se dar conta de uma coisa: os quinze outros personagens que vieram junto com ele não são produtos da sua imaginação, da sua intuição, da sua criatividade. Se a tese que ele sustenta de que as criaturas de ficção existem por si só estiver correta, cabendo ao escritor apenas a oferta de condições para sua concretização, ele não fez isso com nenhuma das criaturas que habitam o livro que ele garante ser dele.

Não custa, porém, aventar a possibilidade de que, mesmo não produzindo condições para os outros personagens existirem, Leonam os tenha trazido consigo, sem necessitar da ajuda de ninguém. Ele, que se tem em conta de pessoa simples, muitas vezes confunde simplicidade com arrogância, assumindo-se como se fosse o próprio Sagitário, quando afirma: “sou sagitariano e Sagitário tem a

generosidade do sábio. Isso me serve de alento. Ele é em mim, por projeção. Eu sou nele, por atavismo”.

Justamente por causa de sua arrogância, Leonam padece para escrever seu livro. Escrever, então, torna-se para ele verdadeira via-sacra. Ao focalizar o tema de *A viagem de Orixalá*, na verdade, é ele quem viaja em busca de si mesmo, enquanto luta para superar seu estilo de escrever e de viver.

Seu livro, no entanto, é uma demonstração de que ele supera seus próprios obstáculos e limites. Isso, porém, só acontece quando ele consegue abrir-se ao encontro com o outro, através da escuta do que as pessoas têm a lhe dizer. Na luta por tal superação, ele gasta as duas primeiras partes do livro. Isso retarda a participação dos demais integrantes de seu grupo na escritura da terceira parte. E é essa terceira parte que se constitui o cerne da obra por ele organizada. Do resto, a própria narrativa de Leonam dará conta, embora interrompida em várias passagens por fragmentações. Tais fraturas, no entanto, poderão levar o leitor muito mais longe.

Ruy Póvoas

AGRADECIMENTO

A Dinalva Melo do Nascimento, Genebaldo Pinto Ribeiro, José Luiz de França, Margarida Cordeiro Fahel, Maria de Lourdes Netto Simões (Tica) e Marialda Silveira, pelas críticas e sugestões.

A Maria Luiza Nora (Baiza), pelas horas infindáveis de discussão dos assuntos e temáticas, e pela exaustiva revisão dos originais.

A Nílton Carlos Borges Lavigne e a Helena dos Anjos que se sentaram para me ouvir e dialogaram comigo.

A Maria de Lourdes Anunciação de Jesus (Ibajimu), pela ajuda com o manuscrito.

A Marcos Salviano Bispo Queiroz (Jumiodê), que acompanhou com paciência a gestação dos originais.

A Edivaldo Souza Fadori e a Mukaylasinbi, que enfrentaram o cotidiano, para que ele não atrapalhasse a fantasia e o sonho,

A Paulo Galdino e a Sérgio Gantois, pela escuta sensível.

A Raimunda Silva d'Alencar, pelas apreciações.

A Equipe Kàwé, que acolheu a proposta.

A José Montival de Alencar Júnior, pelas providências para editoração.

A Álvaro Coelho Barbosa de Alencar pelo primoroso projeto gráfico.

A Editus, na pessoa de sua diretora, Professora Rita Virgínia, pelo interesse demonstrado desde que expus a ela a ideia de um novo livro.

Ruy Póvoas

SUMÁRIO

23	FICÇÃO E ORALIDADE: viagem, estrada, caminhos
33	PARTE I: A VIAGEM
39	A festa dos setenta
45	A visão do Sagitário
53	A luz de Orunmilá
77	PARTE II: A ESTRADA
95	O encontro no terreiro
119	O pacto entre amigos
127	O holograma encalacrado
137	PARTE III: A CAMINHADA
139	PRIMEIRO CAMINHO: <i>Òkànràn</i> (Ocanran) O rito e o terreiro na Pós-modernidade Arnaldo Santiago (Professor de Filosofia)
151	SEGUNDO CAMINHO: <i>Òyèkú</i> (Oiecu) O ritual, o terreiro e a sustentação das energias Celeste Madureira (Antropóloga)
161	TERCEIRO CAMINHO: <i>Ògúndá</i> (Ogundá) O terreiro: um outro padrão de fazer e viver Creusa Navarro (Assistente social)
169	QUARTO CAMINHO: <i>Ìròsùn</i> (Irossun) O Pilão de Orixalá: um outro sentido para <i>feita</i> Jean Claude Narbonne (Piloto de avião)

- 175 QUINTO CAMINHO: *Òṣé* (Oxê)
A resposta do terreiro a questionamentos na Pós-modernidade
Nivaldo Madureira (Funcionário público)
- 187 SEXTO CAMINHO: *Òbàrà* (Obará)
A construção do sujeito no candomblé
Dina Navarro (Psicanalista)
- 199 SÉTIMO CAMINHO: *Òdí* (Odi)
A viagem de Orixalá: o enfrentamento de si mesmo
Dara Mujina (Ialorixá)
- 207 OITAVO CAMINHO: *Èjìogbè* (Ejiobê)
O caminho para o autoconhecimento
Neusa Silveira (Terapeuta)
- 219 NONO CAMINHO: *Òsá* (Ossá)
A herança africana: do engenho ao terreiro
Heitor Guarany (Jornalista)
- 229 DÉCIMO CAMINHO: *Òfun* (Ofun)
O divino no meio dos mortos
Padre Germano Batista (Sacerdote católico)
- 239 DÉCIMO PRIMEIRO CAMINHO: *Òwònrín* (Oworin)
O viver ecológico no terreiro
Maura Oliveira (Ambientalista)
- 241 DÉCIMO SEGUNDO CAMINHO: *Ìwòrí* (Iuori)
A ritualização da resistência
Geralda Santiago (Socióloga)

261	DÉCIMO TERCEIRO CAMINHO: <i>Òtúrúpòn</i> (Oturupon) O tratamento e a cura no terreiro Entrevista com Renato da Costa (Auxiliar de enfermagem)
277	DÉCIMO QUARTO CAMINHO: <i>Ìká</i> (Icá) A literatura oral preservada no terreiro Leonam Navarro (Advogado, escritor e organizador)
291	DÉCIMO QUINTO CAMINHO: <i>Òtúrá</i> (Oturá) A organização do terreiro: além do capitalismo selvagem Ariadne Mota (Militante política)
307	DÉCIMO SEXTO CAMINHO: <i>Ìrètè</i> (Ireté) A corte de Orixalá e o luxo do candomblé Paolo di Lucca (Colunista social)
327	UM CAMINHO DIFERENTE: <i>Opìrà</i> (Opira) Conversa com Mãe Justina Leonam Navarro
347	PARTE IV: A CHEGADA
355	CERRAÇÃO
359	GLOSSÁRIO